

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA CITÂNIA DE BRITEIROS - CAMPANHAS DE 2005 E 2006.

LEMOS, Francisco Sande e CRUZ, Gonçalo P. Correia da

Ano: 2005-2006 | Número: 115-116

Como citar este documento:

LEMOS, Francisco Sande e CRUZ, Gonçalo P. Correia da, Trabalhos arqueológicos na Citânia de Briteiros - Campanhas de 2005 e 2006. *Revista de Guimarães*, 115-116 Jan.-Dez. 2005-2006, p. 11-50.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA CITÂNIA DE BRITEIROS

CAMPANHAS DE 2005 E 2006

Francisco Sande Lemos¹

Gonçalo P. Correia da Cruz²

1. Introdução

As primeiras intervenções arqueológicas na Citânia de Briteiros remontam a finais do século XIX. A partir de 1875, Francisco Martins Sarmento desenvolveu na Citânia várias campanhas de escavação anuais, que acabariam por justificar a compra, a expensas do próprio, de grande parte da área ocupada pelo monumento. As escavações de Sarmento exumaram grande parte das ruínas da acrópole, tendo-se efectuado um primeiro levantamento topográfico em 1892, pelo Eng. Álvaro de Castelões, excepcional instrumento para delimitar a área estudada. A Sociedade Martins Sarmento deu continuidade à investigação arqueológica da Citânia, particularmente entre as décadas de 30 e 60 do século XX, sob orientação do Coronel Mário Cardozo, que descreveu as suas escavações na Citânia em sucintos relatórios anuais, publicados na Revista de Guimarães. Estas intervenções, que obedeceram a um programa definido pelo arqueólogo (Cardozo 1996), colocaram a descoberto grande parte das ruínas da encosta nascente, a que se juntou o restauro da maior parte das estruturas domésticas e das linhas de muralha, conferindo ao monumento o seu aspecto actual. Depois desse período, não ocorreram novas escavações intensivas. A Sociedade Martins Sarmento realizou a limpeza das ruínas bem como algumas acções de consolidação ao longo das décadas de 70, 80 e 90 do século XX.

Na área visitável da Citânia ainda se distinguem com nitidez os métodos de escavação utilizados quer por Sarmento quer por Cardozo, circunstância que valoriza por si mesmo o sítio, pois permite relatar a história de métodos em Arqueologia. O modo como Mário Cardozo procedeu ao restauro das muralhas

1. Arqueólogo. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

2. Arqueólogo. Sociedade Martins Sarmento

não só foi descrito em artigo (Cardozo 1949) como ainda se observa no terreno a extensa vala ao longo da muralha, de onde foi retirada a pedra para a levantar e consolidar. Será desejável conservar para o futuro essas evidências pois já constituem testemunhos históricos.

Em Junho de 1977, foi efectuada uma sondagem arqueológica circunscrita, na área actualmente enquadrada no Sector 1, trabalhos coordenados por Armando Coelho F. Silva e Rui M. S. Centeno, no âmbito do estudo da “Cultura Castreja do Noroeste Peninsular” (Silva 1986). Também esta vala, ortogonal à muralha, se conserva em bom estado.

A investigação do sítio arqueológico seria retomada apenas em 1999, com a realização do segundo levantamento topográfico, que, todavia, apenas abrangeu a área posta a descoberto nas escavações anteriores, (consultar imagem 1) e a concretização do Colóquio de Proto-História Europeia, por ocasião do centenário da morte de Martins Sarmento. No âmbito deste novo ciclo de estudos, realizaram-se em 2002 sondagens de diagnóstico, já sob a coordenação de Francisco Sande Lemos, visando a análise de impacte arqueológico da construção do novo Centro de Recepção. No ano académico de 2004/2005 aprofundou-se o estudo arqueológico do monumento, de forma articulada (Seminário) com a formação dos alunos da Licenciatura de Arqueologia da Universidade do Minho. Deste modo, deu-se início à delimitação das unidades domésticas, utilizando o levantamento topográfico de 1999, bem como ao registo fotográfico integral de todas as estruturas arqueológicas visíveis. Para o efeito, a área escavada da Citânia foi dividida em 16 sectores, que desde então constituem o ponto de referência para a localização dos achados e das intervenções arqueológicas levadas a efeito dentro da zona que corresponde, sensivelmente, à área visitável da Citânia.

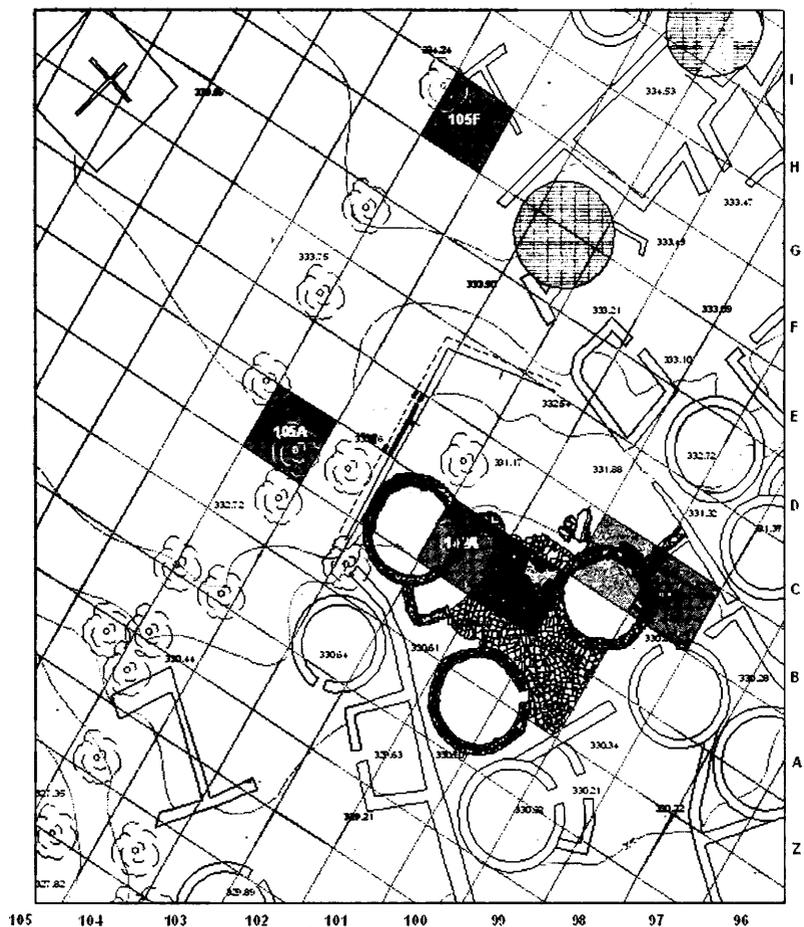
Criaram-se, assim, as condições para retomar um programa de escavações arqueológicas anuais na Citânia de Briteiros, em simultâneo com a formação prática dos estudantes da Universidade do Minho, que ali realizaram os seus estágios de campo em 2005 e 2006. Os trabalhos arqueológicos aqui tratados foram efectuados com a colaboração desses estudantes, nomeadamente em Julho de 2005 e Julho de 2006, bem como uma acção de limpeza a registo em Setembro de 2006. Nas duas primeiras intervenções referidas, foi seleccionada uma zona de trabalho junto da plataforma da capela de S. Romão, a Casa da Espiral, no Sector 5 da Citânia. Em Setembro de 2006, a intervenção voltou-se essencialmente para o Balneário Este da Citânia, no perímetro exterior à segunda muralha.

Os novos trabalhos de escavação na Citânia de Briteiros não têm como objectivo o alargamento da área intervencionada nos séculos XIX e XX, mas sim a realização de sondagens cirúrgicas que nos permitam obter relações crono-estratigráficas para as estruturas existentes. Ou seja, as escavações em curso pretendem desvendar a dinâmica de um núcleo proto-histórico de povoamento, que foi, à partida, estudado como sendo um monumento estático, de modo a perceber os motivos pelos quais se desenvolveu o processo conhecido como “Proto-urbanismo”. Convém acrescentar que a área de reserva é de 15 hectares, pois nos séculos XIX e XX apenas foram escavados 7, sendo que o total da superfície intra-muros da Citânia atinge cerca de 22 hectares.

2. A intervenção de Julho de 2005

A localização inicial da área a intervencionar, dentro de um perímetro tão vasto, foi norteada por várias razões fundamentais. Não sendo um objectivo imediato, tal como referimos, o alargamento da zona escavada, tendo em conta a necessidade de aprofundar a análise dos vestígios actualmente observáveis, escolheu-se um local no interior da primeira linha de muralha, espaço amplo que designamos como acrópole. A escavação da Casa da Espiral (referenciada como Unidade Habitacional 12, do Sector 5) revelou-se a opção mais adequada porque se trata de um conjunto doméstico razoavelmente bem conservado, mantendo o lajeado do pátio praticamente intacto. Pretendeu-se não só datar as fundações das estruturas, como detectar eventuais ocupações anteriores seladas pelo lajeado ou pelas construções circulares.

A Casa da Espiral (ver imagem 2) é uma unidade doméstica formada por três construções circulares, dispostas em redor de um pátio, apresentando uma delas um vestibulo. Cada uma das construções, cuja edificação terá sido simultânea, tem um aparelho exterior distinto, embora o interior seja irregular nas três. A estrutura 1, com vestibulo, possui um aparelho externo helicoidal, enquanto a face externa da estrutura 2 é predominantemente forrada com lages verticais e na estrutura 3 a parede é de modelo poligonal.



Sondagens arqueológicas



intervenção de 2005



intervenção de 2006

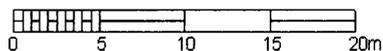


Imagem 2: Implantação da quadricula de escavação, com a marcação das sondagens abertas em 2005 e 2006. Ao centro distinguem-se as três estruturas circulares da Casa da Espiral

O pátio, de lajes de dimensão variável, ocupa uma superfície extensa e deveria corresponder à área sem cobertura da Unidade Habitacional. Na zona Sudeste do conjunto doméstico há indícios de ter existido pelo menos um alpendre, encostado ao muro limite do conjunto. Talvez houvesse outro alpendre a Nordeste. Os quatro muros que delimitavam a unidade encontram-se bem conservados, sendo de aparelho ciclópico a Oeste e Norte, pelo menos as fiadas de base. A Este, o muro limite funcionou também como estrutura de suporte. O acesso fazia-se também por este lado, por uma rampa descendente, provavelmente, a partir de uma pequena rua que arrancava do grande eixo viário, que atravessava a acrópole no sentido Nordeste - Sudoeste.



Imagem 3: Vista aérea da zona de intervenção

Tal como referimos, existe a Norte um muro de suporte que divide a Casa da Espiral do terreiro da capela de S. Romão, cuja cota é superior em cerca de dois metros. Esta circunstância permitiu-nos, por um lado, trabalhar uma zona intervencionada anteriormente nas campanhas do século XIX e, a par disso, noutra intacta, tendo em conta que nem Martins Sarmiento nem Mário Cardozo escavaram na envolvente da referida capela, devido à romaria, outrora muito concorrida, mas, nos dias de hoje, residual. Admite-se, pois, que o terreiro artificial correspondente ao adro terá coberto níveis arqueológicos intactos. A escavação de 2005 foi, pois, projectada no sentido de abranger dois contextos distintos, possibilitando uma posterior comparação das estratigrafias.

Teoricamente, e, à partida, as sondagens abertas na Casa da Espiral iriam incidir sobre estratos de ocupação contemporâneos, ou anteriores à II Idade do Ferro (uma cronologia esperada, mas não vinculativa, baseada nos pressupostos anteriormente formalizados), enquanto que as sondagens a efectuar no terreiro da capela iriam abranger toda a estratigrafia de ocupação, na qual se inclui o nível de utilização da capela de S. Romão e respectivo adro.

Dispondo de uma equipa que totalizou 23 pessoas (1), procedeu-se à limpeza dos paramentos das estruturas e lajeado da Casa da Espiral e à abertura de quatro sondagens, das quais três no interior do complexo doméstico (sondagens 100B, 101A, e 103A), e uma no exterior, junto do limite entre a mesma e a plataforma da capela de S. Romão (sondagem 104B) (ver imagem 2). As designações das sondagens tiveram em conta a quadrícula predefinida para toda a zona. A quadrícula implantada corresponde a uma malha definida por quadrados de 4 por 4 metros. A designação dos quadrados foi atribuída por numeração em x e por ordem alfabética em y. Das três valas abertas no interior da Casa da Espiral, a sondagem 100B localizou-se no interior de uma das estruturas circulares, designada como Estrutura 3, a sondagem 101A foi aberta no pátio, entre as estruturas circulares 1 e 3, e a sondagem 103A no interior da Estrutura 1. Foram efectuadas de acordo com o chamado Método de Harris, por decapagem dos sucessivos contextos, até atingir o substrato rochoso. Houve o cuidado de não se abrirem quadrados contíguos, de modo a conservar os perfis estratigráficos de cada sector. Além da escavação, os trabalhos incluíram o desenho parcial do lajeado e das três estruturas da Casa da Espiral (coroas dos muros e alçados nos quais se identificaram as fiadas de restauro).

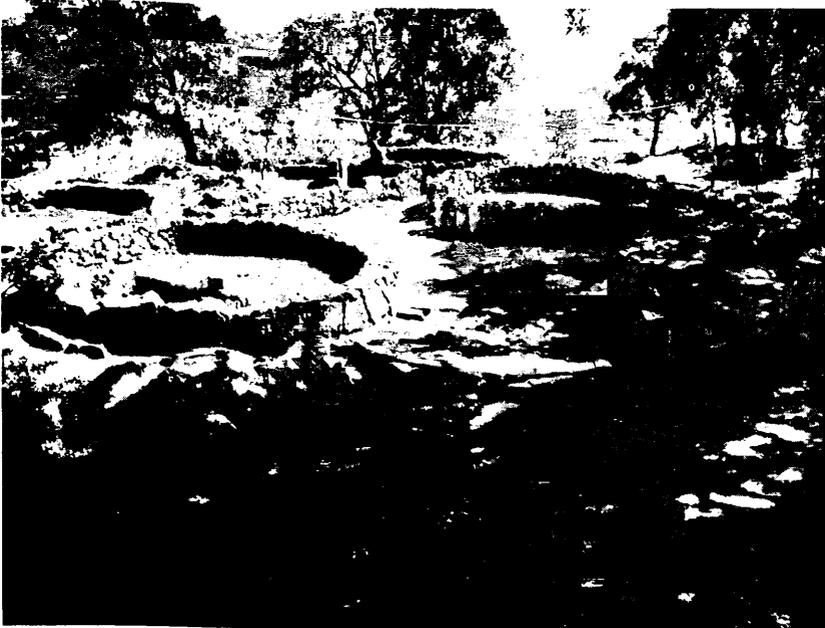


Imagem 4: Vista da Casa da Espiral, após a intervenção de 2005

Nos sectores 100B, 101A e 103A tentou-se identificar as valas de fundação das construções circulares e sua cronologia, bem como eventuais níveis de ocupação anteriores, preservados sob o lajeado do pátio ou pavimentos internos. Pretendia-se também analisar a funcionalidade dos espaços domésticos e caracterizar as técnicas construtivas. Na quarta sondagem, (104B) o objectivo foi, simultaneamente, datar o muro limite do espaço doméstico (também muro de suporte de terras) e averiguar a preservação de estratos arqueológicos e/ou estruturas antigas no terreiro da capela de S. Romão. Em todas as sondagens, mas particularmente na 104B, destacava-se o objectivo de determinar o impacto da romanização, os contextos associáveis, a fim de validar a referência frequente à Citânia de Briteiros como exemplo típico de castro romanizado.

Neste artigo, a par de considerações de ordem genérica, descrevem-se os contextos identificados em cada sondagem por ordem de decapagem, seguindo-se depois um resumo das actividades construtivas registadas por ordem cronológica progressiva, sempre que possível.

2.1. Sondagem 100B

Nesta sondagem, localizada no espaço interior da Estrutura 3, começou-se por numerar as unidades estratigráficas visíveis, depois da limpeza superficial da fina camada humosa. Foram assinaladas as seguintes unidades estratigráficas construídas e sedimentares: muro circular da construção (UE 600); respectivo rebordo exterior que o circunda na base (UE 601), e plano de decapagem propriamente dito, que apresentava ainda um aspecto uniforme (UE 602). De seguida, a sondagem incidiu unicamente sobre os níveis conservados por baixo do primeiro contexto sedimentar registado. No plano subsequente, identificaram-se duas valas de pequenas dimensões (UE's -616 e -617), correspondentes a perturbações na estratigrafia do interior da casa (ver imagem 5). Se bem que os materiais recolhidos nos respectivos enchimentos (UE's 603 e 605) se enquadrem numa cronologia antiga (cerâmica da Idade do Ferro e fragmentos de ânfora), os seus contornos irregulares, bem como características dos sedimentos (substancialmente diferentes dos níveis arqueológicos que cortaram), levaram-nos a considerar que estas duas pequenas valas constituíam o negativo de acções de escavação do século XIX, posteriormente recobertas por um nivelamento artificial.



Imagem 5: Plano 2 de decapagem da sondagem 100B

Estas “perfurações”, frequentes nos métodos arqueológicos do século XIX e mesmo do seguinte, cortaram os estratos até à rocha, o que indica uma manifesta intenção de verificar a profundidade dos níveis de enchimento, acção recorrente nos trabalhos dirigidos por Francisco Martins Sarmento. Quanto aos materiais recolhidos em ambas as valas (cautelosamente individualizados como achados), nenhum deles apresenta decorações expressivas. Embora a percentagem de olaria decorada seja escassa na Citânia, sabe-se que Sarmento não recolhia de modo sistemático os materiais, separando as cerâmicas decoradas ou perfis, pelo que as mais comuns poderão ter sido envolvidas no aterro das valas. Aliás, os dois cortes foram abertos num contexto uniforme, de onde não se recolheram materiais. Esse contexto terá sido um pavimento com argamassa de saibro e argila, onde se registaram algumas reparações. Registaram-se unidades estratigráficas sobrepostas (UE's 604, 606 e 607), que indicam a manutenção periódica do pavimento, bem como o uso intensivo da estrutura 3, documentando acções com intervalos cronológicos curtos, provavelmente de uma década, ou menos. Sob a espessa sequência das referidas unidades conservava-se uma camada de matriz limosa castanha escura e pouco compacta. Neste contexto, recolheram-se alguns raros



Imagem 6: Plano 7 de decapagem da sondagem 100B

fragmentos de cerâmica, nomeadamente dois fragmentos de bordo atribuíveis à fase IIB dos castros do vale do Cávado (Martins 1990). A um nível mais profundo acha-se o saibro, sobre o qual assentou a parede da casa. Por sua vez o saibro foi rasgado por uma ampla vala de secção circular (UE -618), que acompanha a curvatura da parede da casa, a uma cota inferior. A camada limosa que a preencheu (UE 614), recobre um conjunto de grandes pedras (UE 615), de difícil interpretação (consultar imagem 6). O conjunto de pedras foi acomodado entre o substracto granítico e a parede da vala, rasgada no saibro.

Resumindo, identificaram-se, na estratigrafia deste sector, quatro actividades distintas:

- abertura de uma vala circular no saibro, que seria preenchida por um amontoado de pedras;
- conjunto de níveis de terra pouco compacta, que nivelaram a zona antes da colocação do pavimento;
- sucessivos níveis de pavimentação com argamassa de saibro e argila, que ocupavam a totalidade do espaço interno da estrutura;
- abertura de duas pequenas valas irregulares, eventualmente do século XIX, que cortaram toda a estratigrafia anterior, até à rocha;
- nível de circulação da Citânia como sítio arqueológico musealizado (século XX).

Em síntese, esta sondagem permitiu registar uma dinâmica de sucessivas repavimentações, segundo uma técnica recorrente que utilizou os materiais locais e sem níveis de ocupação intercalados. O facto de as camadas interpretadas como acções de consolidação ou reparação do pavimento não incluírem materiais, indica que o interior da estrutura, ainda que intensivamente utilizado, seria mantido limpo, de forma cuidada, sem acumulação de detritos. Indica, também, a qualidade das técnicas construtivas utilizadas.

2.2. Sondagem 101A

Nesta sondagem, depois de efectuada a limpeza e desenho à escala 1.20 do pátio (UE 401), parcialmente recoberto por uma fina camada de terra (UE 400), acumulada com maior espessura numa depressão do lajeado, definiu-se como área de intervenção apenas um pequeno sector de 1,5 por 2,5 metros, junto à face exterior da parede circular da Estrutura 3 (ver

imagem 7). Tal opção justificou-se pela necessidade de afectar o menos possível o lajeado, reduzindo-se ao mínimo a sua desmontagem. Deste modo, a área de decapagem incidiu não só sobre o lajeado mas também numa pequena superfície sem cobertura p treia (denominada UE 402). As lages retiradas foram numeradas a fim de serem recolocadas depois de terminada a sondagem. Sob o lajeado e a superf cie sem pedras registou-se uma camada de prepara o (UE 403), bastante compactada, de colora o castanha clara, a qual, depois de removida, deu lugar a uma segunda (UE 405), embora com menor compacidade e apresentando uma colora o

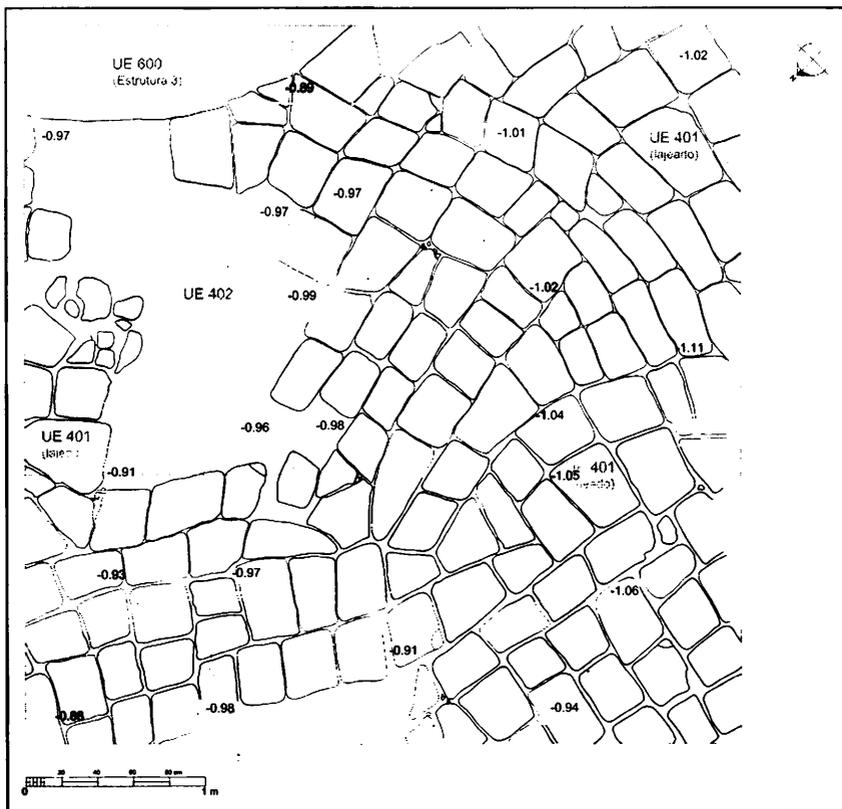


Imagem 7: Registo gr fico do plano 1 de decapagem da sondagem 101A, com a delimita o, no canto superior esquerdo, da zona de incid ncia da escava o castanha/acinzentada. Na extremidade Leste da sondagem as duas unidades referidas encostavam ao rebordo exterior da parede circular da casa (UE 406, ver imagem 8), que nesta  rea estava oculto pelo lajeado, ao contr rio do que se verificou na sondagem 100B, em que o mesmo rebordo

se encontrava à superfície do que supomos ter sido o nível de circulação antigo (II Idade do Ferro tardia). Este pormenor em que se documenta o cuidado nos “acabamentos” do pátio é um indicador suplementar da sua importância como elemento ordenador da unidade doméstica.

Sob a camada castanha/acinzentada observaram-se dois contextos distintos: uma pequena bolsa limo-arenosa de cor castanha (UE 408), cortada por uma vala (UE -415) cujo enchimento (UE 407) apresenta uma



Imagem 8: Plano final da sondagem 101A, vendo-se à esquerda o rebordo da estrutura circular

tonalidade castanha escura, com uma grande percentagem de pedregosidade. Foram recolhidos nesta UE dezenas de fragmentos de cerâmica castreja, dos quais dois decorados, englobáveis na fase IIB, definida por Manuela Martins (Martins, 1990). Desmontados estes contextos, registaram-se outras camadas sedimentares, recolhendo-se alguns fragmentos cerâmicos enquadráveis no mesmo período. A sondagem foi integralmente escavada até ao substrato rochoso, que não demonstrou vestígios de corte artificial.

De um modo geral, distingue-se nesta sondagem apenas uma actividade concreta: o lajeado e respectivos níveis de preparação. A área de trabalho restrita não permitiu apurar em que tipo de actividades será possível enquadrar as camadas subjacentes, embora sejam contemporâneas da

edificação da Estrutura 2 em cujo interior se localizou a sondagem 100B. A atribuição de uma cronologia pré-romana para os alicerces daquela construção circular é consistente com os dados obtidos nas valas de fundação da estrutura 1 da Casa da Espiral.

Não se registaram materiais arqueológicos significativos atribuíveis ao período romano neste sector, salvo alguns fragmentos de ânfora junto à superfície do solo, na zona sem lajeado. Sob reserva da dimensão da vala, a ausência de materiais de importação sugere que o pátio de lajes poderá ser anterior à segunda metade do século I a.C., quando se começaram a generalizar as ânforas Haltern 70.

2.3. Sondagem 103A

Neste sector, optou-se por escavar somente a zona do quadrado situada no interior da Estrutura 1 (consultar imagem 2). Imediatamente depois de retirada a camada humosa (UE 201) surgiu um extenso afloramento granítico, propositadamente aplanado para integrar parte do que seria o pavimento interior da construção circular. Tal procedimento já tinha sido



Imagem 9: Vestígios de corte do afloramento granítico, na sondagem 103A

observado em várias unidades domésticas da Citânia, em que os elaborados lajeados dos pátios são completados com superfícies rochosas naturais aplanadas, como por exemplo na contígua Casa de Medamus Camali. No interior da Estrutura 1, o afloramento é circundado por um contexto construtivo que apresenta características de pavimento ou vestígios de pavimento revolvido (pelas antigas escavações?), sem materiais assinaláveis (UE 202). Tudo indica, pois, que existiria um pavimento de terra batida e saibro no interior da habitação, salvo na zona central em que o piso seria em rocha. Efectivamente, a cota do afloramento e do referido pavimento são os mesmos. Na superfície superior da rocha identificou-se uma elevação artificial, de forma quadrangular, que aparenta ter sido a base de um poste de sustentação da cobertura. No afloramento central identificaram-se também várias marcas de corte de pedra por sistema de cunhas dilatáveis de madeira (visíveis na imagem 9). Sob o pavimento registou-se uma camada bastante compactada (UE 204), com elevada pedregosidade e inclusões de argila, que foi interpretada como preparação do pavimento argiloso precedente, e que converge, como este, para o afloramento central. Abaixo daquela UE observaram-se outros contextos diferenciados, num dos quais (UE 206) foram recolhidos alguns fragmentos de bordo, colo, bojo e fundo de cerâmicas da Idade do Ferro, enquadráveis nas fases IIA e IIB, definidas por Manuela Martins para o vale do Cávado (Martins, 1990).

O afloramento central alarga-se em profundidade, reduzindo-se assim o espaço de deposição sedimentar à sua volta. Por outro lado, foi posto a descoberto o substrato rochoso em que se apoia o alicerce da parede da estrutura 1 (ver imagem 10).

Podemos definir várias actividades nesta sondagem, que se admite serem contemporâneas, embora obedecendo a uma sequência construtiva: o corte e afeiçoamento do afloramento granítico; construção do alicerce e levantamento da parede da estrutura 1; preenchimento das irregularidades do substrato com materiais sedimentares, formando uma superfície nivelada; preparação do piso argiloso que completava o espaço de circulação da estrutura.

Tal como nas outras sondagens também neste caso se verificou o interesse em realizar escavações em áreas já estudadas por Francisco Martins Sarmiento. Nos estratos associados à edificação da casa e de preparação do pavimento, não se recolheu material importado, de tal modo que consideramos que o aparelho helicoidal, que caracteriza o paramento

exterior, será anterior à Romanização embora não seja possível precisar a sua data com rigor: finais do séc. II a.C. ou primeira metade do século I a.C.? Os estratos relacionados com o uso da estrutura 1 foram removidos pelas escavações de Francisco Martins Sarmento.

2.4. Sondagem 104B

A sondagem 104B (consultar imagem 2) foi a que revelou maior potência estratigráfica (cerca de 1,80 metros até ao nível em que se suspendeu a decapagem) e, conseqüentemente, maior acumulação de estratos. No entanto, não foi tão conclusiva a interpretação do espaço e da



Imagem 10: Plano final da sondagem 103A

estratigrafia como nos restantes sectores. Verificou-se um maior revolvimento dos solos, factor que pode ser associado à conservação de uma sequência estratigráfica com maior amplitude diacrónica. Não se concluiu em 2005 o estudo deste sector, por falta de tempo disponível, pelo que se optou neste texto por descrição regressiva.

Atribuiu-se uma unidade estratigráfica ao muro de suporte (UE 002), que constitui o limite entre a Casa da Espiral e o adro da capela. A área escavada abrangeu as camadas suportadas por este muro. Detectou-se, em primeiro lugar, um conjunto de níveis superficiais sucessivos (UE's 000 a 009) e com limites bastante difusos, dos quais se devem destacar as camadas associadas ao afloramento rochoso detectado a poucos centímetros do início da decapagem, no qual se identificou uma covinha. Com efeito, as referidas unidades caracterizam-se por uma elevada pedregosidade e aspecto geral distinto da restante estratigrafia (estaremos perante um eventual nível de obras do período contemporâneo?). Foram recolhidos nestas camadas materiais modernos (um fragmento de faiança), romanos em quantidades razoáveis (fragmentos de ânfora de tipologia incerta, cerâmica com engobe vermelho, fichas de jogo, material de construção e moldes de cerâmica comum fina), e da Idade do Ferro (um fragmento de cossoiro, dois de fusaiola e significativos fragmentos de cerâmica lisa ou decorada). Nenhum dos estratos referidos evidencia uma actividade concreta do espaço.

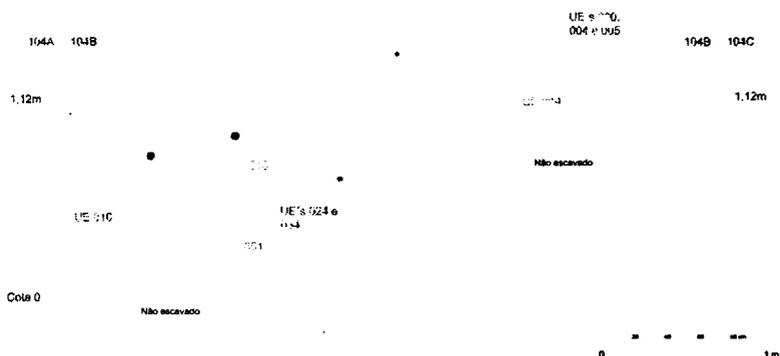


Imagem 11: Registo do Perfil Noroeste da sondagem 104B

Contudo, umas das camadas (UE 010) aparenta ser o enchimento de uma vala de reparação do muro UE 002, por o seu limite estar alinhado com este e porque estabelece, em vários planos da decapagem, a relação entre o muro e a restante estratigrafia. Neste estrato, detectaram-se bastantes materiais de construção romanos, pelo que apontará para uma cronologia mais tardia. A partir daqui, não se detectaram mais materiais romanos na decapagem.

Subsequentemente, camadas extensas (UE's 011 a 015) correspondem talvez a um nivelamento de toda a superfície (ver imagem 11), que incluiu a destruição de possíveis estruturas em pedra ou em materiais perecíveis, nas quais se enquadram os pavimentos referidos de seguida. O material destas camadas insere-se unicamente na Idade do Ferro. Foram recolhidos fragmentos de cerâmica castreja (dos quais muito poucos apresentam decoração), atribuíveis às fases IIA e IIB, definidas por Manuela Martins (1990). Sob o supracitado nivelamento detectou-se um pavimento de argamassa compactada de saibro e argila (UE 016), decorado com incisões rectilíneas e esquemáticas (ver imagem 12). Tudo indica que se trata do



Imagem 12: Pavimento descoberto na extremidade Oeste da sondagem 104B

piso de uma habitação, tendo em conta a sua morfologia de secção circular. Apenas surgiu um pequeno rebordo daquilo que será o piso original, que se prolongará para os sectores contíguos. Surpreendentemente, não se encontraram, a uma cota superior, vestígios de qualquer estrutura associada ao pavimento, pelo que somos forçados a admitir que foi intencionalmente desmontada. Poucos centímetros abaixo, foi identificado um contexto construtivo com características de enchimento ou de cabouco (UE's 018 e 024). Noutra ponta da sondagem, duas outras unidades constituem também um piso e respectiva preparação (UE's 019 e 020), se bem que de concepção muito menos cuidada, sem qualquer tipo de decoração, numa área do sector que aparenta ter sido, na II Idade do Ferro, espaço descoberto e não interior como o primeiro pavimento detectado. No último plano desenhado foi assinalado um conjunto de unidades estratigráficas que não chegaram a ser escavadas em 2005.

Esta sondagem confirma a complexidade estratigráfica dos castros, o que exige metodologias de intervenção muito finas. A escassa ocorrência de materiais romanos revelou-se surpreendente, mesmo admitindo que estratos dessa época tenham sido afectados pelo aterro para construção da capela, em meados do século XIX. De qualquer modo, confirmou-se a antiguidade do muro de suporte, tendo-se registado, sob uma camada de nivelamento, vestígios de estruturas habitacionais da II Idade do Ferro.

3. A intervenção de Julho de 2006.

No mês de Julho de 2006, entre os dias 4 e 28, realizaram-se novos trabalhos arqueológicos na Citânia, incidindo na Casa da Espiral e adro da capela de S. Romão. Deu-se assim sequência aos trabalhos iniciados em 2005. Conforme já referido, as sondagens têm como objectivo esclarecer aspectos muito específicos das unidades habitacionais, designadamente a fundação e uso das construções e as técnicas de edificação, procurando restringir ao mínimo os sedimentos removidos. Por outro lado, os trabalhos arqueológicos na Citânia caracterizam-se, também, pela minúcia no registo das unidades estratigráficas, sem preocupações com o tempo necessário para concluir cada sector. De facto, os castros são sítios de uma grande complexidade estratigráfica, com alterações verticais e laterais inesperadas, resultantes do dinamismo das unidades habitadas por famílias extensas, pelo que todo o cuidado é pouco a fim de evitar o risco de se

confundirem pavimentos e estratos sedimentares, tanto mais que a sua matriz é, por vezes, muito semelhante.

Participaram nos trabalhos alunos da Licenciatura em Arqueologia da Universidade do Minho, e técnicos da Unidade de Arqueologia da UM, totalizando a equipa 20 pessoas (2). Todo o material resultante da intervenção foi lavado, marcado e inventariado durante os trabalhos, sendo no final do mês de Julho transportado para as reservas do Museu da Cultura Castreja onde se encontra depositado, assim como os originais dos desenhos.

Durante os trabalhos arqueológicos, a zona de intervenção foi vedada com uma fita, a fim de evitar que os visitantes da Citânia entrassem na área em estudo. No entanto, houve sempre o cuidado em prestar todos os esclarecimentos solicitados, tarefa em que a equipa responsável pelo tratamento do material assumiu particular destaque pelo modo como acolheu os visitantes.

Concluídas as sondagens, as valas abertas foram entulhadas com as mesmas terras que delas foram retiradas, sendo restituídos os níveis anteriores de circulação e observação. Tendo a quadrícula sido definida no ano anterior, não se justificaram novas marcações, embora se tenha precedido à validação dos eixos estabelecidos em 2005.

Na Casa da Espiral prosseguiu a decapagem do sector 100B, na área correspondente ao exterior da construção circular, no sentido Norte (consultar imagem 2). Recordamos que, em 2005, foi escavada a metade interior Norte da estrutura 2. Com o objectivo de aprofundar o conhecimento da área envolvente da construção circular foi aberta uma nova sondagem a Sudeste, no limite do pavimento que circunda a Este o edificado; esta nova sondagem recebeu a designação de 99B, de acordo com a quadrícula (ver imagem 2). Por outro lado, iniciou-se a escavação da sondagem 102A (no seguimento da abertura em 2005, da sondagem 103A), sendo estudada a zona situada no átrio desta construção circular que supomos ter sido a principal do conjunto; obtiveram-se, assim, novos dados sobre o modo como foi edificada a estrutura e descobriu-se uma inesperada organização do espaço doméstico, aparentemente anterior às construções observáveis. Todavia, dada a complexidade estratigráfica da sedimentação, com interessantes variações laterais, e camadas lenticulares, não foi possível concluir o sector que foi entulhado com terras crivadas, a fim de ser retomado no ano seguinte (2007).

Na zona do adro da capela de São Romão, retomou-se o sector 104B, que não fora possível terminar em 2005 devido à sua profundidade e complexidade estratigráfica. Foram, pois, retiradas manualmente as terras que protegiam a vala e prosseguiu a escavação, que se revelou ainda mais complexa do que no ano anterior, com inúmeros contextos sedimentares e com abundante material. A complexidade acentuou-se, à medida que se ia aprofundando a vala, de tal modo que não foi possível concluir a escavação em 2006, embora se tenha ficado muito perto do substrato rochoso, cortado por profundas diaclases. Deste modo, o sector foi, novamente, entulhado. Procurando estabelecer uma leitura em profundidade e para facilitar uma futura abertura em “open área”, foi marcado e escavado um novo sector, a Oeste do 104B. Esta nova sondagem foi designada como 105A (ver imagem 2).

Já no decorrer da intervenção, e como forma de sondar uma zona mais distanciada das sondagens 104B e 105A, dentro do contexto da plataforma da capela, foi aberta, doze metros para Nordeste, a sondagem 105F, cuja decapagem não foi, contudo, além de alguns centímetros, dentro do mesmo espírito de intervenções pausadas e cuidadosas.

Na unidade habitacional designada como Casa de Medamus Camali, procedeu-se à limpeza dos sedimentos do século XX que cobriam o lageado do pátio, a fim de permitir uma adequada delimitação da estrutura do edificado e registo fotográfico.

3.1. Sondagem 99B

A sondagem 99B incide no interior de um possível anexo, eventualmente coberto, ao qual se tinha acesso pelo extremo Nordeste do pátio lajeado da Casa da Espiral. A ausência de unidades estratigráficas com materiais romanos, leva-nos a considerar a hipótese da escavação de Francisco Martins Sarmiento ter ficado pela cota do lajeado. Supõe-se que, ao verificar que o lajeado não se prolongava até ao canto Nordeste da unidade habitacional, Martins Sarmiento decidiu não aprofundar mais, conservando-se assim tanto o lajeado como os estratos sedimentares que estavam ao mesmo nível. Neste sector não foi possível descer muito a cota da escavação, devido à escassez de tempo, pois apenas se principiou a decapagem na terceira semana de Julho. Registaram-se, no entanto, várias unidades estratigráficas construídas e sedimentares. As camadas mais compactas parecem corresponder a eventuais pavimentos de terra batida

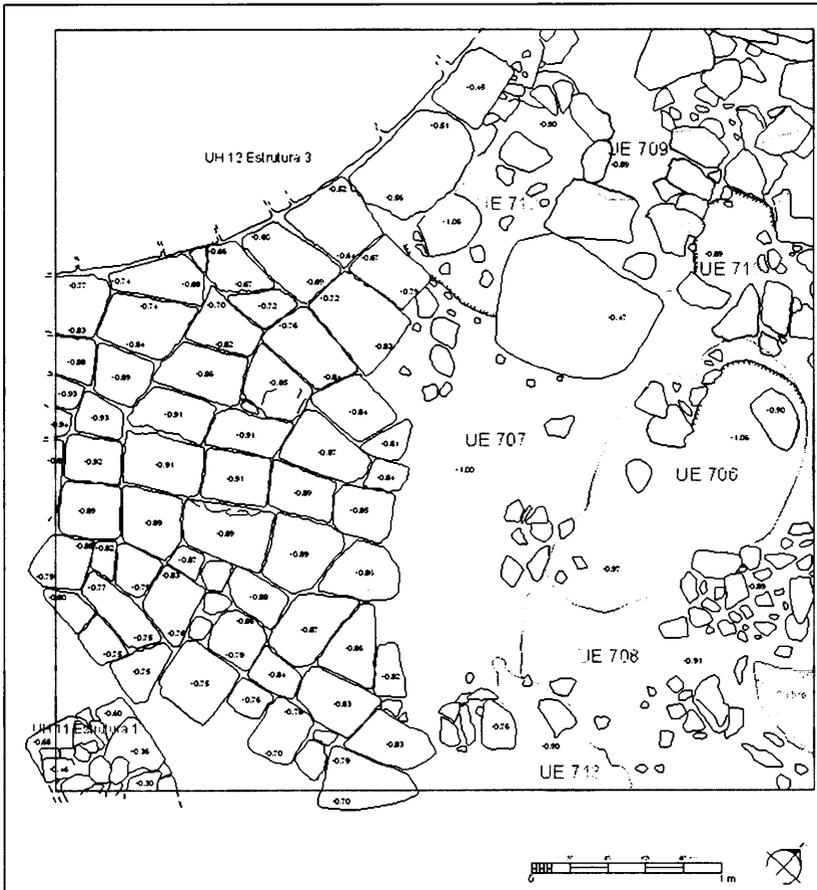


Imagem 13: Registo gráfico do plano 3 de decapagem da sondagem 99B

que se sobrepuseram com escassa diferença cronológica. Os materiais recolhidos são indígenas, atribuíveis à fase final da II Idade do Ferro, embora sem registo de fragmentos de ânfora ou qualquer outro material importado.

Sob uma primeira camada (UE 701), compacta, aparentando ser um nível de terra batida e que cobria toda a zona, foram detectadas duas UE's de aspecto semelhante (702 e 704), formadas por terra e pedra miúda. No canto Nordeste, uma nova camada (UE 708) parece ser o derrube de uma eventual estrutura, situada fora do perímetro do sector. Na metade Noroeste definiram-se três pequenas e curiosas estruturas, duas abertas e

outra coberta com uma laje. Inicialmente, pensou-se que poderiam ser sepulturas idênticas às registadas na Cividade de Âncora nos trabalhos dirigidos por Armando Coelho da Silva (1986). Foram, assim, consignadas unidades estratigráficas para o interior de cada uma das duas estruturas não cobertas (UE's 709 e 710), e uma outra (UE 714) para a laje que cobria a terceira estrutura (ver imagem 13). Levantada a cobertura, procedeu-se à decapagem do seu interior (UE 711), recolhendo-se apenas fragmentos de olaria indígena e carvões. A decapagem parcial do interior das outras duas estruturas foi pouco esclarecedora, não tendo sido terminada em 2006. À cota a que a escavação foi suspensa, apenas se tinha aprofundado pouco mais de 15 cm, em relação ao nível inicial que recordamos terá sido o resultante das campanhas do século XIX. Embora não se tenham encontrado indícios suficientes para atestar a localização de uma zona de deposição cinerária, a hipótese permaneceu em suspenso.

Todos os contextos escavados parecem inserir-se no mesmo período, com ligeiras diferenças de pouca amplitude, tendo em conta que o espólio recolhido consiste em cerâmicas indígenas que parecem situar-se no mesmo horizonte cronológico (da II Idade do Ferro - finais do século II a.C./séc. I a.C.).

3.2. Sondagem 100B

Completoou-se a escavação do sector 100B, intervindo na área exterior à casa circular conhecida como Estrutura 3. Detectaram-se as seguintes actividades:

- afeiçoamento do substrato rochoso para implantação do alicerce de uma estrutura ortogonal (UE 631);
- construção da estrutura circular (UE 600), com um rebordo exterior circundante (UE 601);
- remoção da arena granítica (saibro) para isolar, internamente, as primeiras fiadas da supracitada estrutura e para o pavimento;
- abertura de um vazadouro (UE 627) onde foram depositados inúmeros fragmentos de cerâmica e terra; este contexto poderá indicar um momento em que o interior da construção circular adjacente foi limpo, sendo a cerâmica enterrada em conjunto com outros detritos. Pode supor-se que, até um determinado momento, a estrutura 3 tinha um pavimento de terra batida sobre

o qual se acumularam fragmentos de olaria, carvões e outros detritos e que num certo momento se removeram os sedimentos acumulados, tendo sido aberta uma cova na área adjacente à estrutura (ver imagem 14);

- o vazadouro, ou lixeira, cortou, parcialmente, no sentido norte, o muro de um eventual anexo (a estrutura referida no primeiro item) que foi substituído por outro com o mesmo alinhamento (UE 622);

- deposição sedimentar (UE's 624 e 625), acumulada ao longo dos anos, equivalendo pois à área de circulação exterior à estrutura circular, área situada entre a mesma estrutura e o muro que separa a “Casa da Espiral” da unidade doméstica situada mais a leste (a Casa de Medamus Camali); as UE's associadas



Imagem 14 : Vazadouro exterior à Estrutura 3, registado na sondagem 100B

proporcionaram abundante material cerâmico, em que se misturam fragmentos de olaria indígena com outros de influência romana apontando para o mesmo horizonte dos primórdios de

Bracara Augusta ou seja às duas últimas décadas do século I a.C. e a primeira do séc. I d.C.;

- sedimentos acumulados (UE 623) após a escavação, ou seja, de finais do século XIX e do século XX.

Devido à ocorrência do vazadouro, pode admitir-se que a estrutura circular terá sido uma área de cozinha e de refeições, tendo em conta a quantidade de olaria e de fragmentos de carvão; os de olaria recolhidos no vazadouro correspondem à fase final da Proto-História, antes da conquista romana. Não se recolheram, porém, fragmentos de ânfora, pelo que poderia ser datado da primeira metade do século I a.C., quando aqueles contentores ainda não estavam generalizados.

3.3. Sondagem 102A

Com a sondagem 102A pretendeu-se, de certa maneira, completar a 103A, que incidira no interior da construção circular (Estrutura 1), estendendo-se



Imagem 15: Pavimento (UE 310) detectado na sondagem 102A

deste modo a análise para a área do vestíbulo ou átrio. Tal como noutros pontos da Casa da Espiral as escavações do século XIX removeram a

estratigrafia relacionada com a ocupação do átrio e seu abandono. Associados à estrutura circular, à soleira da porta de acesso à mesma, à parede do vestibulo e ao lajeado do pátio (UE's 300, 301, 302 e 303, respectivamente), identificaram-se unidades sedimentares sulcadas por pequenas raízes (UE's 304 a 307). Por outro lado, verificou-se que a edificação do átrio, actividade posterior à construção da Estrutura 1, provocou um corte numa acumulação sedimentar anterior.

No entanto, sob a estratigrafia registada numa primeira fase, pouco conclusiva relativamente às edificações associadas, regista-se um conjunto de camadas sedimentares finas, com variações laterais, seladas por um pavimento (UE 310) muito compacto de arena granítica. Este pavimento (ver imagem 15) poderá ser relacionado com uma primeira fase construtiva da estrutura 1, anterior à edificação do átrio e ao lajeamento do pátio. Nas unidades seladas pelo referido pavimento (UE's 318 a 330), apenas se recolheram fragmentos de cerâmica indígena, que exigem um estudo futuro mais detalhado, embora se integrem, numa primeira observação, na II Idade do Ferro.

A interrupção dos trabalhos, num momento em que a decapagem não tinha ainda atingido os níveis mais profundos, condiciona a interpretação da estratigrafia ao prosseguimento dos trabalhos, previsto para 2007.

3.4. Sondagem 104B

Em 2006, os trabalhos nesta sondagem foram retomados à cota onde foi detectado um piso decorado (UE 016), associado a uma construção de que apenas ficaram os restos de uma argamassa subjacente aos alicerces (UE's 046 e 047). A série de estratos individualizados parece corresponder a uma zona exterior à construção, zona que se estendia entre a estrutura e o muro de suporte de terras sobranceiro à unidade habitacional a que se deu o nome de Casa da Espiral. Para a análise da estratigrafia é necessário ter em atenção o muro de suporte proto-histórico onde foi possível identificar duas fases, embora utilizando o mesmo tipo de aparelho dito ciclópico.

Definiram-se, no âmbito da intervenção de 2006, as seguintes actividades de ocupação do espaço:

- vestígios significativos de uma organização do espaço coevo da edificação do muro de suporte (UE 010);

- edificação dos alicerces de uma provável estrutura circular (UE's 046 e 047), conservando-se a base e nível exterior de circulação; identificou-se o pavimento interior, decorado com incisões (UE 016); observaram-se também os indícios do desmantelamento da estrutura;

- formação de estratos sedimentares (UE's 019, 020, 021 e 023), com abundante cerâmica indígena, relacionáveis com deposições de materiais a partir do interior da presumível construção. Numa destas camadas foi recolhido um alfinete de cabelo quebrado que terá sido atirado para o exterior da estrutura habitacional;



Imagem 16: Plano 12 de decapagem do sector 104B

- após o desmantelamento da estrutura circular, houve um extenso nivelamento de toda a zona (UE 008), contemporâneo de uma provável reparação do muro-limite com a Casa da Espiral; a estratigrafia sugere a formação de um espaço aberto amplo, cujas características e limites não são detectáveis no âmbito restrito desta sondagem; associados ao nível superior do aterro (UE's 011, 012 e 013) foram recolhidos materiais de fase da Romanização, ainda que pouco numerosos;

- utilização do espaço nos séculos XIX e XX, relacionada com a capela de S. Romão (UE's 002 a 007).

Este sector é, efectivamente, a zona escavada que confere uma sequência estratigráfica mais completa, embora não se tenham encontrado estruturas relacionadas com o programa construtivo da II Idade do Ferro, salvo a desmontagem do afloramento e o próprio muro de suporte. A identificação de várias dezenas de unidades estratigráficas, com características sedimentares semelhantes, fazem deste sector o mais complexo, do ponto de vista da imensa informação recolhida (ver imagem 16).

3.4. Sondagem 105A

A delimitação do sector 105A teve como objectivo genérico alargar a análise do espaço que envolve a Capela de S. Romão, estudo iniciado em 2005 com a abertura do sector 104B. Por outro lado, esperava-se encontrar a continuação do pavimento descoberto no canto Leste daquele sector. Verificou-se, todavia, que a estratigrafia das duas sondagens, apesar de as mesmas serem contíguas, sofreu variações laterais devido a motivos de ordem post-deposicional, embora se tenha registado a mesma actividade de desmontagem de estruturas habitacionais, das quais apenas ficaram ténues testemunhos, seguida de aterro sedimentar já observado em 104B.

Foram documentadas as seguintes actividades:

- uma argamassa de cor amarelada (UE 824), constitui o primeiro indicador de uma actividade bem definida indiciando uma primeira estrutura habitacional, eventualmente adossada ao afloramento rochoso. A decapagem desta camada permitiu recolher cerâmica indígena;
- contextos sedimentares sem continuidade e perturbados, reveladores de episódios construtivos circunscritos, revelados por bolsas de argamassa (UE's 819 a 823);
- extensa UE (817) que parece ter revolvido e coberto todos os contextos anteriores, de modo que poderá indicar uma antiga fase de aterro, bem visível no desenho dos cortes;
- desmantelamento de estruturas mais antigas, seguido de novo contexto de aterro e regularização (UE's 809 a 811). A cronologia deste aterro (ver imagem 17) suscita algumas dúvidas, pois foram assinalados raros materiais romanos. Todavia, conforme se

observa no desenho do corte sudoeste, as poderosas raízes de um sobreiro desceram em profundidade, podendo ter empurrado para cotas inferiores cerâmicas de camadas mais superficiais. De qualquer modo recolheu-se muito material indígena da II Idade do Ferro nas UE's integradas nesta actividade;

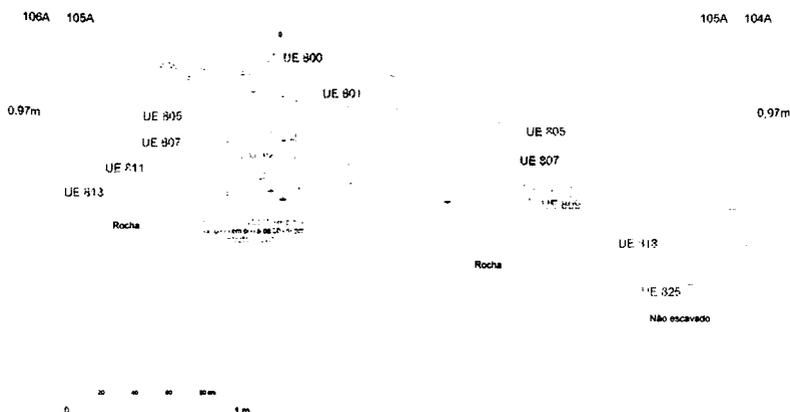


Imagem 17: Registo do Perfil Nordeste da sondagem 105A

- construção de um muro assente sobre o ponto mais alto do afloramento rochoso, conservando-se o seu alicerce (UE 812); detectou-se também uma primeira fiada de uma estrutura de aparelho irregular. Quanto à funcionalidade e cronologia da estrutura é necessário aguardar pelo alargamento das escavações no sentido Sudoeste;
- utilização do espaço como adro da romaria (UE's 801 a 803). Embora tenham proporcionado muita cerâmica castreja e alguns materiais romanos, nestas camadas também se recolheu material recente como vidro e ferro.

Terminados os trabalhos, no final do mês de Julho, deu-se a decapagem como concluída, tendo em conta que o afloramento granítico ocupava a quase totalidade do plano final da vala.

3.5. Sondagem 105F

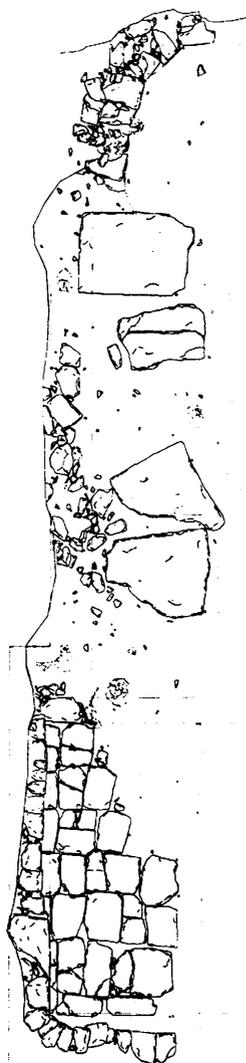
A decapagem da sondagem 105F não alcançou uma profundidade significativa, por falta de tempo. No plano inicial registou-se o

alinhamento de uma estrutura (UE 1003), aparentemente rectangular, assinalada na leitura de conjunto da área escavada da Citânia, como Estrutura 2, da Unidade Habitacional 14. A decapagem incidu sobre o que parece ser o interior da estrutura, ou o interior de outro compartimento, tendo em conta a hipótese de o alinhamento constituir uma parede divisória. Identificaram-se diversas unidades estratigráficas relacionáveis com a circulação recente, do século XX (UE's 1001, 1002 e 1005). Além disto, apenas uma UE (1004) se insere num possível contexto de ocupação original. Registada no último plano desenhado, não chegou a ser escavada, devido a entretanto ter sido concluída a campanha.

4. A intervenção de Setembro de 2006

Em Setembro de 2006, retomaram-se parte dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos em Julho, tendo estado no terreno uma equipa de seis pessoas (3), durante sensivelmente duas semanas. Embora inicialmente se tenha programado dar seguimento à decapagem do sector 99B, assim como à limpeza do pátio da Unidade Habitacional 6 (a Casa de Medamus Camali, contígua à Casa da Espiral), optou-se por efectuar a limpeza e levantamento de uma estrutura, junto da Estrada Nacional 309, identificada por Mário Cardozo, em 1932, e por ele considerada como semelhante ao Balneário Sul, que tinha escavado dois anos antes.

De facto, aquando da construção da primeira fase da estrada, em 1930 (S. Salvador de Briteiros - Casa do guarda da Citânia), tinha sido identificado o Balneário Sul, que foi estudado em Setembro daquele ano por M. Cardozo (Cardozo, 1931-32), que conseguiu negociar um ligeiro desvio da estrada, a fim de salvaguardar o monumento. Todavia, na segunda fase da obra (entre a Citânia e Braga), em 1932, o construtor destruiu, parcialmente, um edificado comparável ao conjunto descoberto dois anos antes. Tendo observado os vestígios pouco depois da destruição, Mário Cardozo equiparou as ruínas remanescentes às que estudara em 1930, e que interpretara como monumento funerário. A estrutura foi por ele desenhada num breve “croquis”, em perspectiva, sendo o pequeno espaço, bastante próximo da berma da estrada, vedado com arame, fixo em três esteios de granito. Numa publicação de 1935 (Cardozo, 1935), Mário Cardozo avançaria até com a proposta da localização original da Pedra Formosa, retirada de Briteiros no século XVIII, nesta segunda estrutura afectada pela abertura da estrada.



fornalha

câmara

antecâmara

pátio

0 1 2 m

Imagem 18: Levantamento do Balneário Este, com a respectiva destruição parcial marcada por uma linha contínua, e os eixos de restituição das dimensões e compartimentos originais.

Em Setembro de 2006, procedeu-se a uma intervenção de limpeza com o objectivo de efectuar o levantamento do edificado. O monumento que, durante décadas, não fora limpo, acumulando-se deste modo alguma matéria orgânica sobre os pavimentos, conserva ainda os muros observados por Cardozo em 1932 (Cardozo, 1935). São visíveis: cerca de metade de um paramento semicircular na extremidade Norte; parte de um lajeado de aparelho rectangular; e restos de um muro de suporte envolvente ao mesmo. Entre a parede semicircular e o lajeado conserva-se também parte de um pavimento, mas, neste caso, construído com grandes lajes, dispostas transversalmente em relação ao alinhamento Norte/Sul da estrutura. Todo o conjunto foi truncado, longitudinalmente, pela construção da estrada.

O levantamento integral dos vestígios (desenho à escala 1/20 da planta e dos alçados e registo fotográfico), permitiu, logo numa primeira observação, confirmar que as ruínas apresentam todas as características morfológicas de uma estrutura de banhos, apesar da pouca informação disponível, por agora, relativa ao suprimento de água e acesso. Aquilo que era a envolvente natural da estrutura foi gravemente afectada, quer pela destruição da penedia e nivelamento para construção da estrada, quer pelo que parece ter sido o uso daquela área do monte até pelo menos ao século XIX (saque e reutilização de pedra). Assim, pouco se pode dizer acerca do enquadramento imediato.

Estes banhos foram implantados entre a segunda e a terceira muralhas da Citânia, num ponto de declive, pendente no sentido Oeste-Este. A porta de entrada abria para Sudeste. O tanque do pátio deveria estar implantado junto da parede Oeste (do lado em que a topografia do terreno é mais elevada, e onde se registou um desnivelamento artificial para escoamento de águas). Não foram recolhidos materiais significativos. O registo das secções que se conservam permitiu projectar as dimensões aproximadas do edifício original. Teria uma planta de cerca de doze metros de comprimento, por cerca de dois metros e meio de largura. Além do pátio exterior lajeado com aparelho rectangular, a estrutura estaria dividida em três compartimentos: uma antecâmara (da qual mal se distinguem os limites, pois que apenas se conserva uma grande pedra do pavimento); uma câmara interior, pavimentada com grandes lajes rectangulares; e uma fornalha que rematava o conjunto a Norte (consultar imagem 18). Estes banhos teriam, portanto, uma orientação de Sul (pátio) para Norte (fornalha).

No espaço interior, sensivelmente a meio da estrutura, registou-se um sulco de encaixe de uma estela que faria a divisão funcional entre a câmara e a antecâmara, assim como, no seguimento do mesmo sulco, uma zona polida, à semelhança da superfície de passagem sob a pedra formosa nos restantes banhos conhecidos. Tal como nos banhos Sul, a laje rectangular, que suportava a Pedra Formosa deste monumento, foi talhada em granito “dente de cavalo”. Mário Cardozo (Cardozo, 1935) avançou com a hipótese de ser proveniente destes banhos a Pedra Formosa “mãe”, baseado sobretudo nas informações de Craesbeck (1726). De facto, parecemos a hipótese mais provável, tendo em conta a localização descrita no século XVIII, que apontava a descoberta da Pedra Formosa numa depressão de terreno e voltada ao nascente. Contudo, o facto de nesta intervenção se ter optado por não decapar níveis arqueológicos, hipoteticamente conservados, inviabilizou a possibilidade de se definir, com segurança, as paredes laterais da estrutura. A identificação destas paredes, assim como a análise do alicerce da estrutura poderá talvez facultar informações mais conclusivas quanto à hipótese dos banhos Nordeste de Briteiros integrarem a Pedra Formosa “mãe”. As dimensões do edificado podiam incluir um elemento com o tamanho daquela peça. Todavia a qualidade do aparelho dos muros não parece compatível com a força arquitectónica e decorativa da Pedra Formosa exposta no Museu do Solar da Ponte, pelo que persiste a hipótese de terem existido três edifícios de banhos na Citânia de Briteiros.

5. Considerações finais

Em trabalho de síntese sobre a Cultura Castreja, recentemente publicado, A. Gonzalez Ruibal (2006-2007) refere que, desde os inícios do estudo dos castros do Noroeste Peninsular, se realizaram inúmeras escavações o que, em princípio, deveria proporcionar uma ampla informação sobre o I milénio a.C. Todavia o mesmo autor lamenta que apenas uma ínfima parte desses trabalhos arqueológicos tenha sido divulgado de forma minuciosa, através de artigos detalhados ou de monografias, de tal modo que seja possível a futuros investigadores validar o resultados obtidos. Aliás, os autores deste texto confrontaram-se com a parcimónia dos relatos de Francisco Martins Sarmiento e de Mário Cardozo, quando desenvolveram nestes últimos anos a análise da área escavada por aqueles autores. Se o limitado interesse de Sarmiento pela observação da estratigrafia se enquadra no contexto, na época em que realizou as escavações, já os relatórios de Mário Cardozo são

demasiado parcos, considerando que os trabalhos que dirigiu datam dos anos 50 e 60 do século XX, num momento em que a metodologia de campo já tinha evoluído de modo significativo.

Para a que a investigação seja partilhada é necessário divulgar de forma tão detalhada quanto possível os resultados das escavações e de tal modo que outros investigadores possam reinterpretar os dados e não fiquem limitados a acreditar, piamente, nas afirmações publicadas em trabalhos de síntese, sustentadas em monografias nunca impressas.

Neste artigo, as campanhas dirigidas pelos autores são descritas com tanto pormenor quanto seria aceitável no corpo de uma Revista. Os Relatórios anuais, a documentação em desenho (dezenas de registos) e fotográfica (centenas de fotogramas), bem como os materiais (milhares de fragmentos), guardados no Solar da Ponte, ampliam a informação ora divulgada e podem ser facilmente consultados.

As intervenções de 2005 e 2006, na Citânia de Briteiros, visaram sobretudo a Unidade Habitacional 12, como um dos espaços habitacionais privilegiados da acrópole da Citânia. Só quando terminar o estudo da Casa da Espiral, daqui a vários anos, será possível extrair todas as conclusões possíveis dos registos e observações de cada campanha de trabalhos, tanto mais que se pretende que a intervenção em Briteiros seja cuidadosa e demorada, de modo a facilitar um registo minucioso dos indícios no campo. Será então publicada uma monografia.

Nestas intervenções conservou-se o espaço inalterado. As limpezas efectuadas reforçaram a leitura da monumentalidade das estruturas e do lajeado (o qual estava parcialmente encoberto por uma fina camada de terras resultantes da acumulação sedimentar, desde as escavações de Martins Sarmento). Por outro lado, foi devidamente ponderada a circunstância de a Citânia ser, desde há décadas, um monumento permanentemente aberto aos visitantes, que ali afluem em grande número.

No âmbito dos trabalhos de 2005, as sondagens 100B, 101A e 103A revelaram que a construção das habitações de planta circular data do período pré-romano. De facto, não foi recolhido nas valas de fundação nenhum fragmento de olaria romana, seja de construção seja doméstica. Tem sido afirmado que um dos tipos de aparelho mais elaborado, o de tipo helicoidal, seria já do câmbio da Era, ou mesmo do século I d. C. As sondagens realizadas em Briteiros permitem-nos afirmar que as construções são pré-romanas, podendo datar de finais do século II a.C.,

considerando as formas da cerâmica indígena recolhida. Por outro lado, registaram-se diversas observações sobre as técnicas construtivas, das quais se justifica salientar alguns pormenores. Os alicerces das estruturas circulares assentam directamente no substrato granítico. Este era, numa fase inicial, irregular com expressivas diferenças de cotas entre os cumes dos afloramentos rochosos e a base das profundas diaclases. A fim de estabelecer uma plataforma única, os afloramentos foram desmontados. Grande parte da pedra foi afeiçoada e aproveitada na construção dos muros de suporte e das casas. Subsistiram alguns blocos maiores, tombados, dos quais um conserva a gravura já referida. Na sondagem 103^a, verificou-se que o afloramento foi cortado nas zonas periféricas para talhar os blocos que formam as paredes da estrutura 1, cujos alicerces se apoiam no rebordo granítico desmontado. No centro, o afloramento foi aplanado, funcionando como pavimento interior da construção, notando-se, inclusive, uma pequena superfície escavada para suporte da pedra onde era inserida a trave que sustentava o tecto. As fendas entre as rochas foram preenchidas com pedra miúda e arena granítica.

No sector 104B comprovou-se que a área envolvente da capela de S. Romão conserva estratos arqueológicos antigos, apesar do nivelamento artificial sofrido em meados do século XIX para delimitar o adro. As escavações de Sarmento não parecem ter penetrado no adro da capela, talvez pelo facto de, na altura, se considerar esta área como de utilização paroquial, circunstância que já referimos. Esta conjuntura poderá revelar-se fundamental para o estudo de uma das zonas mais desconhecidas da Citânia, para onde parecem confluír os eixos viários da acrópole.

A intervenção de 2006 veio alargar a área intervencionada e clarificar algumas questões em suspenso da campanha anterior. Na área do sector 100B, exterior à construção circular, a rocha foi aparentemente escavada em profundidade, não só para implantar o alicerce, como também para obter arena granítica aplicada no primeiro pavimento do interior da estrutura. Numa fase posterior, coincidente com o uso da estrutura, a área exterior parece ter sido utilizada como vazadouro. Devido à quantidade de material recolhido numa área muito limitada, admite-se que Estrutura 3 da Casa da Espiral tivesse sido um compartimento destinado a cozinha e sala de refeições. Alguns autores (Armada Pita, 2005; González Ruibal, 2006-07) têm interpretado estes vazadouros como depósitos rituais derivados de banquetes. Não nos parece ser o caso, uma vez que os fragmentos de cerâmica não se articulam entre si.

O sector 102A tem permitido obter informações quer sobre o método construtivo da estrutura circular com aparelho helicoidal (a Estrutura 1), quer como sobre o acrescento do átrio. Nos estratos sedimentares relacionados com as fundações nunca foi detectado qualquer material romano, nem sequer fragmentos de ânfora. A escavação deste sector revelou também que sob um pavimento de terra batida associado ao uso da construção se conservam níveis mais antigos, indicadores de ordenamento espacial que precedeu a morfologia urbana castreja actualmente observável.

Os sectores 104B e 105A, embora com ligeiras diferenças, possuem uma matriz estratigráfica semelhante, tendo revelado três fases: vestígios de construções que encostavam a afloramentos rochosos com sedimentos associados; demolição das construções e extracção de grandes blocos a partir do granito; nivelamento de toda a superfície sem novas construções, criando-se um amplo espaço aberto. O processo de demolição das prévias construções poderá registar a edificação de um amplo espaço público, de uma praça, talvez numa fase tardia da Idade do Ferro (séc. I a.C.) ou inicial da romanização (na época de Augusto).

De um modo geral, pôde constatar-se que as escavações de Francisco Martins Sarmento desmontaram os níveis superiores, até aos pavimentos. Tal facto justifica-se pela ideia, ainda em voga na Arqueologia dos séculos XIX e meados do XX, que os povoados castrejos constituíam habitats estáticos, não se prosseguindo as escavações para além das estruturas inicialmente detectadas. O que terá sido um projecto incompleto tornou-se numa oportunidade. Efectivamente a leitura das estruturas e da estratigrafia é facilitada pela circunstância dos trabalhos dos séculos XIX e XX terem criado uma vasta “open area”. Na verdade os estratos subjacentes, essenciais para a datação das estruturas, não foram revolidos, encontrando-se intactos, o que reforça a ideia da Citânia como uma formidável reserva científica e justifica a estratégia de intervenções cirúrgicas adoptada. Foi possível registar o modo como se operou o programa de reordenamento do povoado que parece ter sido efectuado num contexto histórico específico, baseando-se no estabelecimento de uma complexa rede de arruamentos, na desmontagem e aproveitamento sistemático dos afloramentos graníticos, na construção de plataformas suportadas por muros de suporte, na delimitação das unidades habitacionais formadas por estruturas de planta circular e rectangular, organizadas em redor de pátios cuidadosamente lageados.

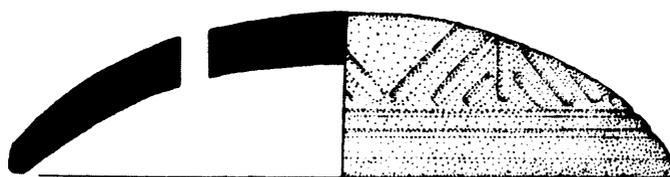
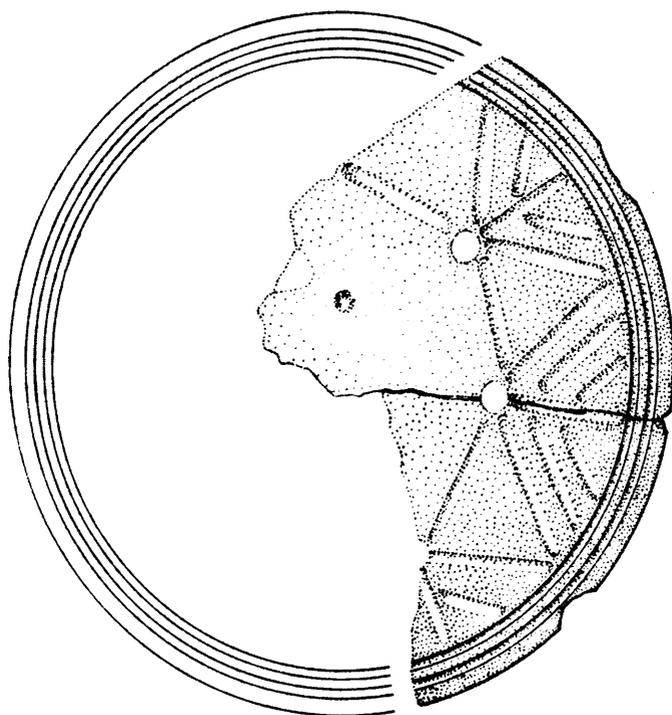


Imagem 19: fragmento de testó decorado da Idade do Ferro, recolhidos em 2006
(desenho facultado por José Ribeiro e Hugo Sampaio)

Na zona em que intervimos, na Casa da Espiral, este processo aparenta ser anterior à Romanização, ou pelo menos não se encontraram cerâmicas importadas nas valas de fundação ou enchimentos construtivos. Todavia não é possível, por ora, datar com maior rigor esse programa construtivo de grande qualidade. Considera-se pouco provável que seja da época de Augusto, não só porque não fazia sentido reorganizar um oppidum a menos de dez quilómetros da cidade de Bracara Augusta, mas também porque, nos níveis fundacionais deste último sítio, os materiais indígenas coexistem com cerâmicas importadas e comuns. A lenta evolução tipológica da cerâmica castreja (ver imagem 19) não permite cronologias finas, pelo que os parâmetros cronológicos mais prováveis se situam entre finais do século II e a primeira metade do século I a.C.. Mas não são de excluir datas mais antigas.

As escavações, que devem prosseguir nos próximos anos, irão, por certo, carrear novos dados para o conhecimento da Casa da Espiral e de outros locais do Monte de S. Romão. Este artigo deve pois, apesar da sua extensão, ser considerado como uma primeira notícia, embora já pormenorizada, sobre os trabalhos em curso na Citânia de Briteiros.

Notas:

(1) Compuseram a equipa, além dos autores, os técnicos Eurico Machado, Alexandrina Alves, Raquel Sambade e Clara Lobo e os estudantes Célia Oliveira, Francelino de Jesus Pereira, Ismael Basto Cardoso, João Mário Martins da Fonte, Bruno Eduardo Ferreira Paiva, José Filipe Pereira Ferreira, Nuno Henrique Mendes de Carvalho, Pedro Miguel Guerra Paraíso, Rui Jorge Almeida Magalhães, Vânia Manuela Martins Gonçalves, Luís Pedro Vilaça Moura, Victor Hugo Silva Pimenta, João Pedro Abreu, Luís Michel Oliveira, Pedro Miguel Leonel, Raul Jorge Campos Tomé e José Luís Ferreira Antunes;

(2) Integraram a equipa, além dos autores, os técnicos Eurico Machado e Paula Góis, e os estudantes Cristiana Valpaços, Olívia Ribeiro, João Abrantes, Guilhermina Cadeco, António Pires, Bárbara Xavier, António Dinis, Nuno Carvalho, Bruno Paiva, Lia Carvalho, Emanuel Campos, Helena Paula Pires, Joana Pinto, Diana Almeida, Catarina Silva e Pedro Roquinho.

(3) A equipa foi formada, além dos autores, pelo técnico Eurico Machado e pelos estudantes Pedro Miguel Guerra Paraíso, José Luís Ferreira Antunes, Guilherme Manuel Correia Oliveira e Cristiana Faria Domingues Valpaços

Referências bibliográficas

ARMADA PITA, Xosé-Lois (2005) *Formas y rituales de banquete en la Hispania indoeuropea* (dissertação de doutoramento). Facultad de Humanidades de Ferrol, Universidade da Coruña. Ferrol;

CARDOZO, Mário (1931-32) A última descoberta arqueológica na Citânia de Briteiros e a interpretação da “Pedra Formosa”. *Revista de Guimarães*. Nº 41 (1-2) Jan.-Jun. 1931, pp. 55-60; nº 41 (3) Jul.-Set. 1931, pp. 201-209; nº 41 (4) Out.-Dez. 1931, pp. 250-260; nº 42 (1-2) Jan.-Jun. 1932, pp. 7-25; nº 42 (3-4) Jul.-Dez. 1932, pp. 127-139. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães;

CARDOZO, Mário (1935) Possível identificação do primitivo local da “Pedra Formosa” na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*. Nº 45 (3-4) Jul.-Dez., pp. 150-153. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães;

CARDOZO, Mário (1949) Escavações na Citânia de Briteiros. Relatório da campanha de 1949. *Revista de Guimarães*. Nº 59 (3-4) Jul.-Dez., pp. 406-414. Sociedade Martins Sarmento, Guimarães;

CARDOZO, Mário (1996) *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Notícia Descritiva, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães;

CRAESBECK, Francisco X. S. (1726) *Memórias resuscitadas da Província de Entre Douro e Minho*, F. G. nº 217, fl. 35, M. S. da Biblioteca Nacional;

GONZÁLEZ RUIBAL, Alfredo (2006-07). Galaicos. Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. - 50 d.C.), *Brigantium*, 18-19. A Coruña, Museo Arqueológico e Histórico da Coruña;

LEMOS, Francisco Sande e CRUZ, Gonçalo (2006) Citânia de Briteiros: Programa de investigação e valorização do monumento, *Forum*, 39, pp 3-40, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga;

LEMOS, Francisco Sande e CRUZ, Gonçalo (2007) *Citânia de Briteiros. Povoado Proto-Histórico. ProtoHistoric Settlement* (Guia), Sociedade Martins Sarmento, Guimarães;

LEMOS, Francisco; CRUZ, Gonçalo e FONTE, João (2008) - Estruturas de Banhos do território dos Bracari: Os casos de Briteiros e de Braga. *Férvedes*, nº 5 *Actas do I Congresso Internacional de Arqueologia de Vilalba*, pp. 319-328. Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba. Vilalba;

LEMOS, Francisco; CRUZ, Gonçalo e MARTINS, Carla Braz (2008) - A Valorização dos Povoados Proto-Históricos. Experiências: Citânia de Briteiros. Ideias para Projectos: Senhora do Castelo - Urros, *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Volume 4, pp. 161-173. Parque Arqueológico do Vale do Côa. Vila Nova de Foz Côa;

MARTINS, Manuela (1990) - O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado. *Cadernos de Arqueologia*. Série Monografias. Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. Braga;

RIBEIRO, José Manuel e SAMPAIO, Hugo (2008) - Técnicas, motivos e organizações decorativas da cerâmica da Idade do Ferro na bacia do Ave: a Citânia de Briteiros como caso de estudo. *Férvedes*, nº 5, *Actas do I Congresso Internacional de Arqueologia de Vilalba*, pp. 277-285. Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba. Vilalba;

SILVA, Armando Coelho F. (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins. Paços de Ferreira;

SILVA, Maria Antónia D. (1985) - *A cerâmica castreja da Citânia de Briteiros*. Sociedade Martins Sarmento. Guimarães.